



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ANA BEATRIZ SOARES LEAL

**AS MULHERES E OS DISPOSITIVOS DO AMOR ROMÂNTICO: UMA ANÁLISE
ATRAVÉS DAS “CARTAS DE MULHER” (1914-1919)**

Guarabira - PB
2023

ANA BEATRIZ SOARES LEAL

**AS MULHERES E OS DISPOSITIVOS DO AMOR ROMÂNTICO: UMA ANÁLISE
ATRAVÉS DAS “CARTAS DE MULHER” (1914-1919)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História e Estudos Culturais: Gênero.

Orientadora: Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva

Guarabira - PB
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L478m Leal, Ana Beatriz Soares.

As mulheres e os dispositivos do amor romântico
[manuscrito] : uma análise através das "Cartas de mulher"
(1914-1919) / Ana Beatriz Soares Leal. - 2023. 26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva,
Departamento de História - CH. "

1. Corpo feminino. 2. Amor romântico. 3. Revista da
Semana. 4. Cartas de Mulher. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ANA BEATRIZ SOARES LEAL

**AS MULHERES E OS DISPOSITIVOS DO AMOR ROMÂNTICO: UMA ANÁLISE
ATRAVÉS DAS “CARTAS DE MULHER” (1914-1919)**

Artigo apresentado à banca examinadora do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduada em História.

Área de concentração: História e Estudos Culturais: Gênero.

Aprovada em: 03/07/2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses (Examinadora Interna)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Examinadora Interna)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus avós, Gidalto e Josefa, dedico.

“Certamente, o amor não morreu, e o coração feminino continua inclinado à escravidão. Mas, parece-me que é profanar a palavra de amor aplica-la a tantos dramas íntimos, que o capricho, a inconsciência moral, a vaidade e o interesse inspiram e alimentam. Balzac esqueceu-se ou não teve tempo de escrever o catecismo do amor, destinado à instrução sentimental da mulher e a acautelar os corações inocentes contra as ciladas traiçoeiras da fantasia e dos sentidos”.

(Cartas de Mulher, *Revista da Semana*, 1915, ed. 026, p. 15).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A REMODELAÇÃO DO SÉCULO, DOS COSTUMES E DOS SENTIMENTOS.....	10
3	OS AGENTES DA MODERNIDADE E A RELAÇÃO COM O AMOR	12
4	A REVISTA DA SEMANA E A SEÇÃO “CARTAS DE MULHER”	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	25

AS MULHERES E OS DISPOSITIVOS DO AMOR ROMÂNTICO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DAS “CARTAS DE MULHER” (1914-1919)

Ana Beatriz Soares Leal¹

RESUMO

No presente trabalho busco refletir e problematizar sobre a relação historicamente constituída entre as mulheres e o amor romântico. Mais especificamente, observo os sentidos construídos para tal relação por meio da imprensa do início do século XX. No caso, em questão, debruço-me sobre uma seção da Revista da Semana (RJ) intitulada Cartas de Mulher, publicada com regularidade entre os anos de 1914 a 1919, e assinada com o pseudônimo de Iracema, por um dos editores do impresso, Carlos Malheiro Dias. Em um período em que o amor romântico sinalizava sua crise frente aos apelos da vida moderna e dos deslocamentos de gênero. Analiso, a partir daí a presença dos discursos e dispositivos que o atualizavam, dentro do modelo da família burguesa e urbana, atravessada pelos ideais higienistas que então perfilavam os ideais de civilização da República brasileira. Para tanto, enveredo por uma abordagem cultural que pretende um diálogo entre o campo da História das Mulheres e de gênero, bem como da história do amor. Compreendendo, neste percurso, que os trajetos firmados para a idealização do amor romântico implicaram, sobretudo, as mulheres, em um ideal de romance desejado e colocado como central em suas vidas, em que a imprensa, assim como a literatura, trata de reificar. Este ideal, dentro de uma sociedade onde dominava a moral cristã, se por um lado fez o amor deixar de ser um privilégio ou algo secundário na realização do matrimônio, atualizou os sentidos do casamento monogâmico, heterossexual e indissolúvel, que deveria ser almejado pelas mulheres, como *locus* de sua realização, a partir do qual poderia dedicar-se ao lar e a outro idealizado amor, o da maternidade.

Palavras-chave: Corpo feminino; Amor romântico; Revista da Semana; Cartas de Mulher.

ABSTRACT

In the present work, I seek to reflect and problematize the historically constituted relationship between women and romantic love. More specifically, I observe the meanings constructed for such a relationship through the press of the early twentieth century. In the case in question, I focus on a section of Revista da Semana (RJ) entitled Cartas de Mulher, published regularly between the years 1914 to 1919, and signed with the pseudonym Iracema, by one of the editors of the publication, Carlos Malheiro Dias. In a period when romantic love signaled its crisis in the face of the appeals of modern life and gender shifts. From there, I analyze the presence of discourses and devices that updated it, within the model of the bourgeois and urban family, crossed by the hygienist ideals that then

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

E-mail: ana.leal@aluno.uepb.edu.br

outlined the ideals of civilization of the Brazilian Republic. To do so, I embark on a cultural approach that seeks a dialogue between the field of Women's History and gender, as well as the history of love. Understanding, in this path, that the paths established for the idealization of romantic love have, above all, implied women in an ideal of romance desired and placed as central in their lives, in which the press, as well as literature, tries to reify. This ideal, within a society dominated by Christian morality, if on the one hand made love no longer a privilege or something secondary in the realization of marriage, updated the meanings of monogamous, heterosexual and indissoluble marriage, which should be sought by women , as the locus of its realization, from which it could dedicate itself to the home and to another idealized love, that of motherhood.

Keywords: Feminine body; Romantic love; Magazine of the Week; Women's Letters.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, a princípio, surgiu como implicação de um projeto de Iniciação Científica², Pibic/UEPB, cota 2020/21, intitulado de “A saúde que vem do útero: sobre os corpos femininos na Revista da Semana (RJ, 1910-20).” Neste percurso, olhares curiosos, questionadores e problematizadores foram surgindo em meio a gama de informações que estavam sendo oferecidas pelo periódico da Revista da Semana, e me chamou particular atenção à recorrência dos discursos sobre os sentimentos, em especial o amor e sua associação com as mulheres.

De forma mais específica, observando o entorno aos anúncios, destacou-se para mim uma seção intitulada ‘Cartas de Mulher’, assinada por Iracema, que se tratava de um pseudônimo utilizado por um dos editores da Revista, Carlos Malheiros Dias. Lendo-a, cresceu então o meu interesse em fazer um recorte próprio de pesquisa, para identificar o modo como ali se constituía uma espécie de “literatura de aconselhamento” para as mulheres, - público-alvo do impresso -, compondo práticas de uma pedagogia social sobre os sentimentos, dentre os quais, destaca-se o amor de cunho romântico.

Assim, este artigo procura apresentar elementos do contexto histórico que possibilitou a emergência dos discursos sobre a perspectiva de um amor romântico em crise e sua associação com o comportamento e a corporeidade das mulheres, analisando, a partir da seção ‘Cartas de Mulher’, como tais sentidos eram utilizados para designar a diferença e a desigualdade entre os gêneros. Acredito que este exercício, imbricado com a problematização do amor romântico e a hierarquização de valores sociais, possibilita compreender a dinâmica pela qual as permanências de estigmas associados às mulheres seguem reiterados pela prática amorosa, enquanto uma prática discursiva sobre o que é o amor.

De início, faz-se importante lembrar, como coloca Joana Maria Pedro (2005) que a construção da categoria “mulheres” vem denunciar que o que antes era atribuído pelo termo “homem universal” não incluía as questões específicas das mulheres, as suas individualidades, expressas pela cultura e pela linguagem; é uma categoria que, sobretudo a partir dos estudos da segunda metade do século XX, indo do singular ao plural, passa a propor também que sejam levadas em consideração a diversidade entre as mulheres, sejam estas de classe, étnico-racial, de sexualidade, corporeidades, entre outras. Tal perspectiva abriu horizontes para a pluralidade de temas e abordagens sobre as mulheres e a aproximação com o campo de estudo de gênero, sendo este último pensado como construto histórico e cultural.

Também, aqui proponho partir de uma compreensão de um sentimento, o amor, tomado enquanto construto histórico, expresso e significado de formas diferentes no tempo e espaço, pois:

As formas como são experienciados os sentimentos amorosos estão intrinsecamente ligados aos contextos históricos, políticos e econômicos, que mesmo não sendo os únicos fatores a ordenar o amor, ainda assim, guardam traços de valor para a construção de uma representação sobre a sensibilidade de uma época (RODRIGUES, 2014, p. 48).

² Pibic/UEPB, cota 2020/21, orientado pela prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva.

De um ponto de vista da fonte escolhida, uma revista, lembro que os periódicos foram por muito tempo, uma fonte questionada pelo saber historiográfico; a imprensa ilustrada não era encarada como uma fonte segura, nem tampouco adequada para se fazer pesquisa e para a seriedade do fazer histórico. Eliza Bachega Casadei (2017), coloca que os periódicos não eram considerados fontes adequadas do conhecimento, tendo em vista que se caracterizavam como 'enciclopédias do cotidiano', por isso, o conteúdo expresso por eles não era tomado como relevante para a construção da História.

Essas perspectivas mudam, sobretudo a partir da *Escola dos Annales*, que transforma as percepções do fazer histórico, confronta a construção das grandes narrativas e dos considerados grandes marcos históricos, adotando como objeto imprescindível da sua pesquisa uma nova ideia de uma história-problema, que lança seus olhares do micro para o macro, envolvendo e incluindo todas as práticas humanas:

Não mais se coloca em dúvida o valor desta categoria de fonte para a compreensão da paisagem social, das representações, e posturas aplicadas às expectativas da vida urbana, que deixam entrever as nuances, as diversidades e as apropriações que construíam o pensar de uma época (RODRIGUES, 2014, p. 10).

Tendo sinalizado meus objetivos e escolha teórica, que continuarão a se fazer presentes ao longo do texto, passo agora a apresentar alguns aspectos do contexto histórico a que me reporto, para então refletir sobre as perspectivas em torno do amor e, enfim, discutir as questões que, através de uma seleção da fonte escolhida, mobilizam uma discussão sobre as percepções acerca das mulheres e o amor no período estudado.

2 A remodelação do século, dos costumes e dos sentimentos

No desabrochar do século XX no Brasil, vivencia-se a chamada Primeira República, que desde as últimas décadas do século anterior rompeu progressivamente com as práticas do modelo imperial. Uma nova aspiração progressista, acentuando sentimentos de anseios pela construção dessa nova pátria, agora permeada pelos ideais da modernidade, precisava se enquadrar aos padrões internacionais de civilização. A preocupação em discutir quais os novos rumos que iriam reger a sociedade brasileira, acentuou a percepção de pertencimento a esta nação, uma vez que, a decisão de quais caminhos traçar para obter a sociedade moderna tão almejada viria a ser algo de interesse e preocupação coletiva, das elites para as elites. (CEREZER, 2008).

A urbanização representava uma das marcas mais expressivas desse período republicano. O modo de vida urbano era característico dessa nova dinâmica espacial e social, instaurada pela recém-instituída República brasileira. A visão desse novo mundo urbano, embelezado e saneado era meta almejada pela República, conforme Cerezer (2008). A ampliação dos seus centros urbanos, as mudanças tecnológicas, políticas e sociais, como também, as alterações provocadas nas vivências, nos códigos e nas instituições, estavam associadas aos princípios de civilização, bem como de progresso.

O movimento higienista, assim como a sistematização das práticas sanitárias, traziam em seus novos discursos a moralização das práticas. Os médicos-higienistas, norteadores dessas modificações, não objetivavam apenas remodelar as estruturas das cidades, deixá-las atraentes, limpas e controladas, mas também pretendiam civilizar o modo de viver da população, preocupados em construir uma civilidade que atendesse a um modelo “universal” (CEREZER, 2008). Esses ideais promoveram peculiaridades no âmbito coletivo e individual, que adentraram as casas, transformaram os ritos e os costumes das pessoas (NEVES, 2003).

A partir da formação dessas novas conjunturas, surge também, uma nova compreensão de tempo e de História que acompanhavam as múltiplas mudanças vivenciadas pela sociedade, as transformações nas esferas públicas e privadas são sistematizadas por um novo contexto sociopolítico no país, uma nova dinâmica é instaurada, assim como, uma nova política cultural e de identidade, desestabilizando antigas e sólidas certezas (NEVES, 2003).

Esta dinâmica acabava também por configurar e significar aquilo que é do campo das sensibilidades, atuando como construtora das formas de representar os sentimentos, em especial, o amor. Como se sabe, ao longo do tempo, diversas atribuições foram feitas ao amor. Este, embora represente uma manifestação com variadas dimensões relacionadas ao íntimo e ao privado, também é um produto social, histórico, cultural, discursivo, que expressa práticas de uma dada época e lugar, por isso, os seus significados dependem do período histórico, da temporalidade e das especificidades culturais (NEVES, 2007). Para Louro (2008), as muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e receber afeto, de amar e ser amada/o, são ensaiadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra.

O amor, é preciso enfatizar, por muito tempo foi classificado algo exclusivo do feminino, referenciado como sendo um sentimento das mulheres e motivo único de sua preocupação. “O amor foi apontado à mulher como uma suprema vocação e, quando se dedica a um homem vê nele um deus [...]” (BEAUVOIR, 1976, p. 498, apud NEVES, 2007, p. 613). Esses papéis de gênero foram difundidos por estereótipos tradicionais que designam ao masculino o papel ativo da relação e as mulheres assumindo um papel passivo, a quem caberia aceitar ou recusar as “investidas” dos homens (NEVES, 2007).

Outrossim, são as investidas da elite burguesa na constituição das práticas de gênero distintas para a sociedade. Por muito tempo, o modelo de casamento patriarcal estava associado aos acordos entre as famílias e não representava um resultado da escolha pessoal do casal. Eram os pais que cuidavam do casamento de suas filhas (os), estabelecido por um contrato entre dois indivíduos para atender aos interesses de suas famílias com o objetivo de preservar suas fortunas. De acordo com isso, Del Priore (2005) infere que o casamento se apresentava como uma instituição básica para a transmissão do patrimônio. As vontades individuais deviam ceder espaços para os laços, apadrinhamentos e os vínculos da família patriarcal para a perpetuação de seus patrimônios (RODRIGUES, 2014).

Esse modelo de casamento arranjado era considerado subproduto de uma cultura dos extratos dominantes, por quem teve ampla aceitação e defesa dos ideais dessa ordem patriarcal, para a manutenção de uma ordem político-social que pairava sobre os poderes das famílias senhoriais, como a defesa do grande latifúndio. Anulava os interesses, os desejos e as aspirações particulares e, por

isso, essas relações sociais tradicionais opressivas (patriarcado) tornou-se um dos principais dispositivos de controle dessa relação entre o amor e a legitimidade promovida pela instituição familiar (RODRIGUES, 2014).

Porém, no começo do século XX as mudanças sociais se fizeram sentir, ainda que timidamente, no campo amoroso, perturbando a ordem do casamento planejado pelas famílias. O amor passava a ser um sentimento desejado, ainda que continuasse a sofrer restrições sobre a liberdade de escolher a quem amar (SIMONNET et al, 2003). As cartas de amor eram abundantemente escritas pelos/as apaixonados/as, os romances-folhetins estavam por toda parte, assim como os cartões-postais amorosos que eram enviados para seus/suas respectivos/as destinatários/as, um amor um tanto quanto bucólico e padecido, embora não mais considerado como um artigo de luxo, ou privilégio de poucos. A partir dos anos de 1914, começaram a surgir timidamente, filmes e romances de bancas de jornais, que estavam expostos para quem quisesse ter acesso ao conteúdo, não mais inconfessável, nem escondido, mas desejado.

O período entre guerras, possibilita que a moral sexual se torne cada vez mais maleável, as pessoas começam a pensar sobre as questões ainda restritas e segredadas ao amor, embora não ousem e não tenham ainda a liberdade de falar sobre tal prática (SIMONNET et al, 2003). A revolução dos costumes permite que esse indivíduo agora emancipe a sua mentalidade de suas instituições, desmistificando imagens e códigos, a fim de extinguir os resquícios do período antecedente, de maneira específica ao que está vinculado a concepções familiares do antigo Império, pautadas no patriarcalismo, nas alianças entre as famílias para a permanência do poder aristocrático e para a conservação do monopólio.

Assim, na transição para o século XX observa-se que a “exemplar” família patriarcal sofre modificações de modo que a migração do espaço rural para o urbano, introduz um modelo de lar mais íntimo e que aproximava seus membros a uma modelo de família nuclear. Surge assim o modelo de família nuclear burguesa, pautado no amor burguês, um novo sentimento produzido culturalmente para justificar o casamento, que implementava toda uma utopia em torno do amor, aquele que está restrito ao feminino, o materno e o romântico, e que constrói em torno dele um papel social, uma norma e conduta, que está com frequência direcionada às mulheres (CEREZER, 2008).

3 Os agentes da Modernidade e a relação com o amor

Problematizar os códigos amorosos e suas práticas, a partir das sensibilidades e subjetividades dos indivíduos, é permitir o exercício de compreensão da diversidade de formas como são experienciados os sentimentos amorosos e entender que cada época detém traços de valores que configuram suas representações e particularidades (RODRIGUES, 2014). O imaginário criado em torno da Modernidade, se adequou a um novo modo de viver dentro dos espaços privados, produzindo sensações imediatas na educação dos corpos e nas relações com a intimidade.

A modernidade conheceu o auge e a crise do amor romântico, mas como este se estruturava? Segundo Ribeiro (2013), em três eixos principais: o amor eterno, verdadeiro e único, que desenha a imagem do modelo de casal

idealizado, que segue a moral tradicional e almeja ser “felizes para sempre”. “Ele é amor tragédia, domesticado, cortês e cristão” (RIBEIRO, 2013, p. 6). Um amor que privilegia e torna o homem provedor de todos os feitos, e as mulheres, consequência deles, fadadas a enfrentarem uma série de complicações e frustrações em detrimento da exaltação da pessoa amada e da projeção desta como um ser perfeito

Por analogia é este mesmo amor que fundamenta concepções de consagração dos afetos entre os sexos (NEVES, 2007). As relações sociais de gênero, o masculino está reservado para exercer a autoridade, o poder, o controle e para o feminino, a vulnerabilidade, debilidade, sensibilidade e subordinação, cria uma cultura de direitos e deveres baseados nessas supostas diferenças sexuais, acabando por fomentar a proliferação desses discursos determinantes que emitem comportamentos esperados, desejados, adequados e socialmente definidos para cada um dos sexos (NEVES, 2007).

Embora produto de contexto muito anterior ao do amor romântico, a moral cristã atualizou através deste o matrimônio como um sacramento, monogâmico, heterossexual, indissolúvel, sendo assim o único e legítimo espaço para a sexualidade, que por mais que aos poucos não ficasse mais restrita à reprodução, ainda tinha a família como principal horizonte e causa. Esse era o mesmo ideal cristão que pregava a virgindade, a castidade e a continência, portanto, preservar essas condições que eram impostas pela igreja significaria renunciar aos prazeres carnis, do mundo, e por isso, o casamento só se tornava legítimo quando este fosse colocado a serviço da família (PRIORE, 2011).

Para Bourdieu (1999), a dominação masculina incrustada nas práticas, nas estruturas e nos discursos sociais legitima a existência de um amor desequilibrado entre homens e mulheres (BOURDIEU, 1999, p. 68-69, apud NEVES, 2007, p. 617). A distinta forma como se experienciava esse sentimento de amar o/a outro/a estava mais associado ao feminino, encarregado da responsabilidade de exercê-lo efetivamente dentro do espaço que lhe compete, o privado, a afetividade estaria reservada para as mulheres, que sentem e que amam mais que os homens, e que assume sempre o posto minoritário da relação:

Um das obscuridades das relações de intimidade é, sem dúvida, o desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, a perpetração de atividades violentas e a sustentação de um conjunto de desigualdades, cujos efeitos são geralmente devastadores para quem se encontra numa posição minoritária (geralmente as mulheres) (NEVES, 2007, p. 619).

Em vista disso, é nítido a distinção entre os gêneros visto que, submetidos a regras de vivência distintas, conseqüentemente, vivenciaram a experiência do amor e da sexualidade de forma diferenciada, cada um de acordo com as instituições que lhes regem e suas práticas sociais. Neves continua por afirmar a forte relação entre as questões de gênero e as práticas sociais, que norteiam os percursos do amor, uma está sempre associada a outra, e conclui:

Os discursos genderizados sobre a intimidade e o amor romântico têm fortes implicações nas relações entre os sexos, porque, ao estarem imbuídos de concepções de poder desniveladas e

legitimadoras de ações que visam garantir a continuidade do sistema patriarcal, tornam-se discursos de risco para as mulheres (NEVES, 2007, p. 621).

Thainá Soares Ribeiro e Tânia Rocha Andrade Cunha levam em consideração a atuação da literatura, das novelas, dos periódicos, do cinema, como agentes percussores da idealização de um molde de relacionamento para as mulheres, juntamente com o auxílio de vários outros fatores e construções, que influenciaram este novo jeito de amar e reforçaram a família como o lugar da mulher. E continuam por afirmar que: “o romance foi um gênero de caráter sonhador e fantasioso, nele a construção do amor se projeta no sentido do outro. Isso tem reflexo na construção da identidade feminina, que busca no homem amado o sentido de sua vida” (RIBEIRO et al, 2013, p. 2576).

Por estar associada exclusivamente ao feminino, a ideologia do romance assume o papel de esperar que elas sejam mais românticas em suas relações íntimas do que os homens e para que assim se comportem em conformidade com seus parceiros, sendo assim, um dos principais pontos para a idealização desse amor romântico, que levaram as mulheres a acreditarem que sua felicidade dependeria exclusivamente de sua entrega total e incondicional aos seus parceiros e na reprodução das relações de poder desiguais entre eles (NEVES, 2007).

4 A Revista da Semana e a seção “cartas de mulher”

A *Revista da Semana* contribuiu de forma significativa com a imprensa brasileira, durante seus anos de veiculação no Rio de Janeiro. Era uma revista ilustrada, elegante, que como indicava no título, circulava semanalmente na capital federal, alcançando outros estados. O periódico teve suas primeiras aspirações nos anos de 1900 e, em seus anos iniciais esteve sob a responsabilidade do *Jornal do Brasil* e apresentou como seu instituidor, Álvaro de Tefé ou Barão de Tefé. Segundo Sediana Rizzo Czrnorski (2014), a *Revista da Semana* foi o primeiro grande projeto em moldes empresariais no Brasil.

A imprensa da época atingia um patamar cada vez maior de importância na vida urbana e moderna, voltando-se para um público letrado. Quem era a classe letrada do país? Onde estavam concentradas essas pessoas? Quem eram? A elite! E estavam concentradas nas áreas mais civilizadas e urbanizadas do Rio de Janeiro. Para quem não se encaixava nos padrões aquisitivos da elite, o índice de analfabetismo, o desemprego, as péssimas condições de sobrevivência eram nítidas, nem todas as pessoas conseguiam ter acesso às letras, por isso, também não conseguiam ter acesso às informações da revista, e somente conseguiam quando as notícias começavam a ser transmitidas pelo “boca a boca”, o que também ajudava a consolidar o prestígio da imprensa.

Inicialmente, a *Revista da Semana*, prometeu ao seu público leitor, a garantia de fornecê-los informações importantes e ilustrações, especialmente quando se referia a cobertura de eventos festivos, como exemplo, a festa do IV centenário do descobrimento do Brasil, assim como dos acontecimentos regionais e internacionais, os fatos locais e a vida privada das pessoas públicas (DANTAS, S/D). A utilização das fotografias para ilustrar seus registros deu um maior

destaque ao informativo (CZRNORSKI, 2014), já que a curiosidade do público propiciava o interesse em folhear as páginas da revista e assim divulgar as novidades que estavam nelas contidas.

A tecnologia advinda da modernidade possibilitou a propagação dessas informações com maior rapidez, facilitando assim a sua divulgação e a captação das notícias. Em 1915, o *Jornal do Brasil* vende a revista a Carlos Malheiro Dias, Aureliano Machado e Arthur Brandão, e agora sob seus comandos, o impresso mudou o seu editorial e as edições passam a está mais voltada ao público feminino; os assuntos de interesse feminino estão no rol do editorial, embora, assim como sintetiza Casadei (2017), esses temas femininos que agora são trazidos no decorrer da revista, continuam por reificar estereótipos de gênero.

A variedade de conteúdos se tornou uma marca registrada da revista, assuntos dos mais variados estavam espalhados por toda parte, abrangendo desde temáticas referentes à literatura até as notícias do cotidiano (DANTAS, S/D). O perfil diversificado atraía leitores de todos os gostos e um público amplo e fiel, que era seduzido pelo universo de consumo que estava contido em cada publicação, vários estilos estavam contidos nela, possibilitando uma abordagem que não estava apenas restrita aos relatos informativos, comumente se encontrava em outras revistas, agora a abordagem dos temas acontecia de forma discursiva, chamando a atenção dos leitores pela naturalidade da linguagem e pelas temáticas atualizadas (SILVA *et al.*, 2007).

A revista, mais do que um meio de informação – papel igualmente cumprido de forma objetiva ou de forma argumentativa e opinativa – veste-se, ao mesmo tempo, de multiplicidade e dinamismo, trazendo ao leitor um leque de temáticas que lhe chamam a atenção pela casualidade da linguagem, atualidade do assunto, ou propiciando um momento de lazer e distração (SILVA *et al.*, 2007, p. 27).

Essas várias alternativas de inserir um conteúdo múltiplo e dinâmico na revista cria uma relação de dependência-dependente, condicionando ao público se tornar dependente desse meio de comunicação que cria para ele um universo de consumo, o consumismo e os manuais de como se comportar e viver, estão por trás de cada minuciosa propaganda, anúncio e manchete, que se articulam através de campos discursivos que idealizam como a sociedade deve funcionar, pautada em uma hierarquização de valores, que engendram despreziosamente o modelo de mulher perfeita, para Casadei (2017) “é a venda de modos de vida validados”.

É possível observar nos fragmentos da Revista a incidência crescente de propagandas, elaboradas com uma quantidade considerável de texto que gradativamente incorpora com frequência as ilustrações, para fazer com que o leitor e, especialmente, a leitora, se sentissem atraídos para comprar o produto anunciado. A busca por um estilo de vida inspirado no europeu, que se refletia na cosmética, perfumaria, moda, entre outros, decerto tornava o consumo e a busca pelos produtos ainda maior. E é neste percurso que vamos nos deparar com variadas colunas e seções que tem a funcionalidade de oferecer, exclusivamente ao público feminino, conteúdos disciplinadores, pautados em conselhos médicos, em propagandas de beleza, em sugestões de como manter um bom

comportamento até o acesso de consultórios que tratam de questões sentimentais, nunca dos homens, sempre das mulheres (CASADEI, 2017).

Primordialmente, voltamos os nossos olhares para uma coluna/seção imprescindível que dar suporte para compreensão dos aspectos e da ideologia conservadora que prevalece no periódico da *Revista da Semana* e que é objeto de análise desta pesquisa. A seção '*Cartas de Mulher*', tem suas primeiras incidências no ano de 1914 e permanece como uma coluna regular até 1919, a partir desse ano sua produção é limitada, sendo extinta anos após (SAVELLI, S/D). Essas cartas incorporam a característica de artigos em conjunto com a escrita epistolar, e que está contida nas cartas escritas que se tornam pública e que geralmente são retratadas em um cenário bucólico, expressos pelo amor, envolvendo sempre assuntos do universo feminino.

É perceptível que a seção assume lugar de destaque, visto que, ocupa na maior parte das vezes, uma página inteira da revista, o que a diferencia de uma coluna avulsa ou irregular. Os signos sociais contidos no desenho da mulher, no exercício de escrever uma carta, deixa indícios de uma pessoa de classe média, por suas vestes, seus adornos e a pose tradicional da época. A coluna é assinada por *Iracema*, pseudônimo utilizado por Carlos Malheiro Dias, um dos proprietários da *Revista da Semana*, que modifica o perfil editorial do periódico e, inaugura um espaço para questões de ordem feminina.

Figura 1 - Cartas de Mulher, Revista da Semana, 1915, ed. 021, p. 30.

Cartas de Mulher



FOLHEANDO, em uma destas noites, na casa de uma família amiga, as revistas francesas e inglesas que hoje se encontram em profusão em todas as casas, os meus olhos fixaram com dolorosa surpresa algumas gravuras representando as oficinas de uma fabrica inglesa de munições, onde mulheres e crianças trabalhavam na preparação das balas de espingarda e de metralhadora. Eram, talvez, de entre todas as gravuras colleccionadas nesses albums da guerra, e onde se perpetuam os horrores a que os delinquentes das nações em luta arremessaram os povos, as únicas em que se viam sorrisos. E, entretanto, nenhuma razão, como aquella, me arripion de pavor. Aquellas singellas estampas, onde não havia naufragos debatendo-se nos extores da agonia, onde não havia soldados empenhados na mortandade, onde não havia cadáveres nem ruínas, pareceram-me as mais sinistras imagens da guerra. Ainda agora, relembrando essas gravuras, o meu coração estremece, como se, realmente, ellas me tivessem detestado entrever, como por uma chaga aberta e latejante, as intimidades da catastrophe, que ha



onte mees dilacera e martyrisa as nações que geraram a civilisação universal.

No seu romance «Paixão de Maria do Céu», o Director da Revista da Semana descreve-nos a sua heroína, seductiva e abandonada por um official francez, trabalhando numa man-

sarda de Paris para os exercitos de Napoleão — esses terríveis exercitos que invadiram e conquistaram a sua terra. Maria do Céu, reduzida á miséria, ganha o seu pão fabricando os pennachos das barbetinas dos granadeiros, e associando-se com essa tarefa humilde á gloria militar do poderoso Cesar que escreveu a sua pátria. O romancista tirou dessa situação effeitos pungentes, mas bem longe esteve de equalar com a sua fantasia romanesca a realidade dramatica destes simples aspectos de oficinas, onde as



mulheres manipulam, sorrindo e cantando, as balas destinadas á carnificina das batalhas. Quantos corações de mãe, de esposa e de filha não irão aquellas balas despedaçar em tragicos ricochetes, depois de matarem nas trincheiras do Yser ou nas dunas da Flandres, os filhos, os maridos e os paes dos desgraçados!

Parce-me que nenhuma alma sensível poderá contemplar com indifferença as innocentes gravuras da revista inglesa. Até agora nós viramos a mulher associada á guerra, mas como enfermeira, revestindo o uniforme branco e a cruz vermelha da Convenção de Genebra. Viamol-a, como heroína da caridade, velando e pensando os feridos nos hospitales de sangue, vivendo nas enfermarias, tendo trocado as essencias dos perfumistas parisienses pelo cheiro activo dos antisepticos, estragando os olhos nas vigílias e na contemplação da morte — não a morte espectacular, quasi immaterial, no desvario heroico dos combates, ao rufar do tambor, ao troar do canhão, ao crepitar da fusilaria, entre nuvens de fumo e ao clarão dos incendios, mas a morte no leito, no martyrio physico da dor, no supplicio moral das evoca-



ções, a morte com agonia que gemem e choram, essas agonia dos heroes: as mais parecidas com as das creanças, pois parece que tudo o que era força e energia no combatente se transforma em poesia e sentimento no moribundo...

Nesses scenarios de hospital, o vulto branco da mulher fica bem. Esse posto cabe-lhe de direito. Consoladora do homem, na ventura como na desgraça, chegada a hora da catastrophe o seu lugar de honra é á cabeceira dos heroes, voluntaria Irmã da Caridade, de cuja belleza e de cuja ternura a Patria precisa.

Mas empregar as mãos delicadas das mulheres, mãos creadas para acariciar, para abençoar, para alfiagar, para embalar os berços, para enxugar os prantos, em fabricar a morte, como cúmplices da vivez e da orphanidade, não é direito, não é justo, não é humano. Associar a mulher e a creança aos preparativos industriales do massacre, manipulando balas, é confiar-lhe a missão a mais horrível, arrancando-lhe as immundades sublimes de vítima dolorosa das guerras e transformando-a numa collaboradora da carnificina...

Talvez a minha sensibilidade domtía (acabo de levantar-me, ainda abatida, de um accesso de gripp) exaggera. E' possível... Mas eu creio que, se fosse condemnada a esse mister sinistro de manipular balas para a guerra, os meus somn's seriam povoados de pesadellos horribes, onde me appareciam, desgrenhadas, amaldicoando-me, as Mães, as Esposas e as Filhas para cujas desgraças eu, traidora ao meu sexo, concorrera, fabricando as balas que lhes

tinham morto os filhos, os maridos e os paes...

E quem sabe? Talvez que a ellas, ás operarias inglesas, esses espectros deploraveis visitem de noite... Pobres! Pobres dellas!

IRACEMA.

Falando daquilo que considerava de interesse feminino, como se fosse uma mulher a selecionar e opinar sobre os assuntos, a temática do amor associado ao romance e ao casamento são bastante recorrentes nas linhas de Iracema, ela própria declarante de ser uma mulher casada, típica esposa dentro do familiar burguês. Embora realce o perfil de uma mulher instruída, versada em assuntos filosóficos e amante da literatura, que acredita viver em um tempo de mulheres que buscam adequar-se à modernidade, Iracema entende que quando o assunto é amor, as mulheres precisam de conselhos:

Aconselharia às mulheres que teem a vocação amorosa a leitura de algumas obras em que o amor anda casado à virtude e nas quaes o amor apparece com todos os attributos da beleza, sem nenhuma das maculas que tão constantemente o conspurcam (Cartas de Mulher, Revista da Semana, 1915, ed. 026, p. 15).

E segue:

Na correspondência a Condessa de Sabram com o Cavalheiro de Bouffels, por exemplo, em que vemos duas criaturas livres esperarem paciente, fiel e virtuosamente vinte anos para realizarem e legitimarem o seu sonho de amor, toda a mulher encontrará o modelo perfeito, cavalheiresco, digníssimo do amor humano, sem sacrifício de nenhum dos seus prazeres e entusiasmos (Cartas de Mulher, Revista da Semana, 1915, ed.026, p.15).

No repertório literário que se sugeria às mulheres uma efetiva “literatura de aconselhamento”, como expõe Casadei (2017, p. 03), integrava-se às construções sociais de condutas. Aí se vê a força ainda do modelo de amor romântico erigido no século XIX, para o qual “o lugar do amor era na literatura. Na literatura a mulher reinava e sempre era representada como sujeito de exaltação” (RIBEIRO et al, 2013, p. 2573). Mas neste contexto em que fala Iracema, esta mulher instruída precisa também aprender amar de modo virtuoso, paciente, devendo ser instruída para promover uma melhora para o mundo (SILVA et al, 2007). Melhora esta agora condizente com o projeto de civilização moderno, burguês, atravessado pelos ideais higienistas.

Como já abordado, os discursos de base higienista se faziam muito presente na imprensa, como argumenta Neves (2007) e, em conformação com os interesses do Estado, buscavam promover um projeto político normativo, extravasando os limites da saúde, modificando a feição social da família para adaptá-la a vida urbana.

A ideia era mesmo interferir na vida íntima dos indivíduos, estatizá-los, valendo-se de sua própria autorização pelas vias das promessas de transformações e prosperidade da família, alcançadas através da modificação das condutas físicas, morais, sociais e, em especial, a afetiva, de modo a derrubar a fronteira dos domínios da vida privada, que até então eram imunes às solicit[ações] do Estado. Através de discursos que atravessam o “corpo, o sexo e os sentimentos conjugais, parentais e filiais [que] passaram a ser programadamente usados como instrumentos de dominação política e sinais de diferenciação social de classe” (IBIDEM, 1983, p.13 apud NEVES, 2007, p. 40).

Nesta dinâmica, o amor não escapou as transformações promovidas pelos procedimentos médicos, sendo antes esmiuçado e trabalhado numa concepção higienista e reintroduzido no seio social (RODRIGUES, 2014). Esse caminho percorrido até o progresso, almejado pelo Estado e pelos saberes médicos, conduziam os vínculos familiares e afetivos a uma mobilização dos corpos, através desses novos parâmetros estabelecidos, com isso, as famílias eram atraídas e encaminhadas a se tornarem autoras das suas próprias transformações, e nestas, as mulheres tinham, como concorda Iracema, uma função exemplar: “Quem fornece às pátrias são as mulheres”.

Enlaçadas pelo contexto de higienização das décadas de 1910 e normatizadas por eles, caberia às mulheres gerar e serem educadoras de seus filhos, filhos inteligentes e robustos para a Pátria. A vida conjugal higiênica era um dentre outros preceitos para legitimação da manutenção da família, essas

condições estavam correlacionadas aos cuidados com o lar, que envolvia o cuidado com os filhos e com o esposo, a família precisava ser um lugar de equilíbrio, e esse equilíbrio somente era concedido pela figura feminina. Uma mulher saudável, cuidadosa e dedicada seria sinônimo de um lar feliz e próspero, o que reverberaria numa pátria com as mesmas qualidades e a este “idílio” se relacionava a realização e expressão do amor:

Propagar o amor pela beleza do lar é uma pequenina obra de moral. O lar precisa de ser o centro attractivo de nossa existência; e não é essencial que elle seja rico para ser bello. Todo o lar amado, em cujo arranjo se revelam os cuidados e o enlevo da esposa e do marido, logo se impregna dessa delicada, subtil physionomia de beleza que envolve a família e a predispõe para a felicidade. [...]. Amar a casa, aformosea-la, torna-la attrahente, confortável, appetecida, é fortalecer os laços que estreitam a família. Os que desprezam o adorno de seu lar parecem-se com o lavrador que descuida o amanhã de sua terra. No lar desprezado como na terra damninhas nascem mais depressa as hervas ruins da discordia do que a messe abundante da alegria (Cartas de Mulher, Revista da Semana, 1915, ed. 02, p. 27).

A idealização do casamento, no sentido de uma vida amorosa, idealiza também o papel de esposa e mãe, como dona de um caráter puro, a alma da casa, espírito protetor, enfatizando o papel que prevalecia para as mulheres brasileiras, das camadas médias urbanas e reificando ainda mais esse lugar doméstico, o que acaba por torná-las as grandes responsáveis pela saúde de seu lar, pela felicidade de seu esposo e de seus filhos e demonstra as permanências em relação aos padrões normativos de amor e casamento reinantes no século anterior.

Assim sendo, para os homens permanece a caber o mundo público, o trabalho remunerado para atender as necessidades de sua família, para as mulheres, conseqüentemente, lhes estava imposta socialmente a condição de ser responsável pelas atividades familiares, domésticas, pela manutenção e saúde de seu casamento e de seus filhos (RIBEIRO, 2013) e que fizesse isso de uma forma “amorosa”. Do contrário, as “ervas daninhas” que viessem a conspurcar o lar seriam, por conseguinte, consequência do seu descuido. Essa sujeição estaria atrelada diretamente a ideais religiosos, econômicos e normativos, que regiam esses espaços de vivências mútuas, demonstrando que o retrato da família burguesa se configurava pela herança do modelo familiar patriarcal.

Os lugares de gênero que são protagonizados em torno desses ideais de romanticismo, resultam na emissão de comportamentos que são socialmente definidos como algo esperado, desejado e adequado para cada um dos sexos, manifestados através de fatores emocionais intensos, como a prestação de cuidados e a paixão:

Tradicionalmente, homens e mulheres foram sujeitos a regras diferentes no que toca à vivência da sua sexualidade, o que claramente contribuiu para que as suas experiências de amor e de intimidade fossem vividas de forma muito diferenciada (NEVES, 2007, p. 618).

Como produto desta diferenciação, o amor segue reiterado como o único destino para as mulheres, como descreve Álzira de Cássia Rodrigues (2014), já que, em tese esse feminino é fabricado para os sentimentos, mas não qualquer sentimento, e sim o amor voltado à família, ao lar e ao cuidado com o matrimônio, portanto, qualquer conduta que criasse outras formas de amor seria atacada pelos discursos mais conservadores da sociedade. Ou seja, a forma como o amor é pensado e vivenciado pelas mulheres e homens se deixa atravessar pelos lugares de gênero que as relações de sociabilidade legitimam.

Esses lugares socialmente impostos pelas questões de gênero são fatores que reiteram exposições de cunho sexista, que são expressas por instituições de poder que legitimam todas as representações atribuídas para as mulheres. Além de reiterar assiduamente a produção utópica do amor no inconsciente feminino, onde o amor romântico é sustentado, idealizado e desejado, desde sua construção.

A Iracema de Malheiros parece bem saber disso, da existência de mulheres para as quais o amor é destino, é pulsão e sentido de vida:

Trata-se, neste caso, da mulher que ama, da mulher que não se reconhece com o direito nem com a vocação de enganar, e que acreditou na perpetuidade do amor e que nesse amor reduziu toda a felicidade da vida. Deixar de amar, para uma mulher nestas condições, é uma verdadeira morte inferior. Sim, esta mulher continuará a viver, mas que vida vae ser a dela!

Para bem compreender é necessário que pensemos que ella foi creada, educada para o amor. O sonho que ela acariciou na sua mocidade e que ella suppoz realizar no casamento foi o do amor. O homem tem seu trabalho, a sua ambição, a sua gloria para ocluir seus pensamentos. Ella, não. Para ella a vida reduz-se a amar e ser amada.

Todos os seus deveres derivam do amor. O seu lar é apenas o templo do seu amor, e a maternidade ser-lhe-há tanto mais consoladora quanto mais perfeito fôr o amor de que são penhores os seus filhos.

(Cartas de Mulher, Revista da Semana, 1916, ed. 050, p. 53).

Fora do sentido de amar plenamente, que vida poderia ter uma mulher? Para esta mulher educada para o amor, como sugere Iracema, o casamento foi o sonho da mocidade, mas ao que parece o que fica de mais sólido após isso é o templo do lar, ao qual deve se dedicar, e o consolo, para um amor que não se configurará realizado e eterno como um dia sonhou, serão os filhos.

Por entre as linhas de análise destas citações das 'Cartas de Mulher' é possível se defrontar com sentidos que demonstram a ativação de dispositivos de controle, que atuam sobre os corpos femininos, configurando relações de poder e domínio. O dispositivo da sexualidade³, como aponta Tânia Swain (2006) age

³ Conforme, Swain (2006), o dispositivo da sexualidade é referido como tudo aquilo que cria, inventa, define e molda os corpos, enfatizando sempre o prazer, sem definir nem questionar, para que assim os traços da sua construção e domesticação não sejam tão perceptíveis.

explicitamente em esferas como a mídia; aqui, no caso, pela imprensa, e pelas instituições controladoras que estabelecem normalidades:

Este é o cotidiano de tantas mulheres, debatendo-se no dispositivo da sexualidade em ação, que institui e destitui identidades, dita comportamentos, práticas, representações e, sobretudo, auto-representações. Firma-se pelo discurso da mídia, da ciência, da psicanálise, das imagens repetidas sem cessar, criando modelos aos quais devo me ajustar, impondo, insidiosamente, padrões de conduta, valores que devem permitir minha inclusão social, meu pertencimento a um grupo, selo de minha saúde física e mental (SWAIN, 2006, p. 01).

Esses mecanismos atravessam espaços de vivências, criando valores atribuídos à diferenciação dos gêneros e separando-os para demarcar lugares perpassados pela hierarquia, pela dominação e pela delimitação dos poderes. Que reservam para o feminino, como sua imagem social, a sedução, o papel de esposa, de mãe, pois, como explicita Swain (2006), estabelecendo como “verdadeira” a mulher que se encaixa nesses parâmetros normativos. Essas construções sofrem a interferência de um outro dispositivo que permeia e dar suporte a discussão, o dispositivo amoroso:

Nas fendas do dispositivo da sexualidade, as mulheres são “diferentes”, isto é, sua construção em práticas e representações sociais sofre a interferência de um outro dispositivo: o dispositivo amoroso. Poder-se-ia seguir sua genealogia nos discursos – filosóficos, religiosos, científicos, das tradições, do senso comum – que instituem a imagem da “verdadeira mulher”, e repetem incansavelmente suas qualidades e deveres: doce, amável, devotada (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e, sobretudo, amorosa. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si (SWAIN, 2006, p. 10).

Para Valeska Zanello (2018, p. 166) “Dizer que as mulheres se subjetivam a partir do dispositivo amoroso significa revelar que sua autopercepção e relação consigo mesmas são mediadas pelo olhar e aprovação de um homem que as escolha”. Como recompensa dessa heterossexualidade incontornável (SWAIN, 2006), estava o instinto de procriação, a realização de um amor, que cria uma condição de autoridade e de fala para estas mulheres. Esse novo dispositivo institui como responsabilidade feminina, o sacrifício pelo amor, incumbidas pelo sentimento de terem nascido para cumprir a vocação amorosa, idealizam a realização de um amor ideal e perfeito, o amor dos contos de fadas, que sonham e desejam que se torne real, o amor que é feito e produzido exclusivamente na/para “natureza” da mulher. E, “naturalmente”, este destino ao olhar de Iracema, faz-se com dor:

Onde quer que haja uma mulher há um sofrimento. Ella é o ente doloroso, porque é ainda o ser mais indefeso da criação. Tudo na sua compleição a volta às grandes dôres phisicas e moraes e é

para ella que o amor reserva o quinhão do sofrimento. A sua iniciação amorosa é uma dôr; a maternidade uma dôr; o declinar do amor ainda e sempre uma angustiada dôr.

Em qualquer parte do mundo, na paz ou na guerra, podemos presenciar a grande tragédia feminina. São sempre as mulheres que choram no Calvario, aos pés da cruz onde expira, supplicado, o seu amor... (Cartas de Mulher, Revista da Semana, 1917, ed. 034, p. 14).

Nesta ótica, há no mundo uma grande tragédia, a feminina, que chora suas dores em tempos de paz ou guerra. A natureza frágil, afeita às emoções, o sofrimento é inerente. As dores físicas e morais se ligam também a sua condição corporal, fisiológica e sexual. Os tabus, associados aos órgãos femininos e a suas funções fisiológicas naturais, despertaram e continuam por despertar silenciamentos e apropriações negativas associadas ao sofrimento e mesmo à doença. O útero, marco principal dessa diferenciação, preconizou a distinção sexual e justificou serem as mulheres seres naturalmente frágeis, sensíveis, delicadas, reguladas pela função de ser mulher e, por isso, necessitavam da tutela e dos cuidados de um homem, o que partia de pontos paradigmáticos para mostrar hierarquia (FREITAS, 2008).

Regradas pela função natural do seu útero e dos ovários, menstruação-menopausa, são apontadas como incompetentes para assumirem tarefas que exijam força e inteligência, já que a instabilidade de suas regras acabaria por deixá-las vulneráveis, fracas e debilitadas para determinados serviços, já que não cumpririam efetivamente alguns dos afazeres devido as dores e incômodos associados a menstruação, o lugar ao qual estaria reservado para elas eram os lugares restritos ao privado, assim como os serviços. Quanto a menopausa, retiraria dessas mulheres a principal função que é atribuída ao seu corpo, a de procriar, já que “é considerada uma falência generalizada do corpo feminino” (SWAIN, 2006).

É preciso lembrar que a repressão sexual estava correlacionada com a moral tradicional da época, e permanecia arraigada entre as mulheres. Sobre a menstruação, só se falavam em metáforas “o boi, o chico, tava naqueles dias...”, sobre a noite de núpcias nenhum dito, ainda quando a sorte do casamento estava atrelada a ela, a virgindade continuava obrigatória e sendo um fator de escolha, à vista disso, eram obrigadas a enaltecerem os preceitos ligados a castidade e a pureza (PRIORE, 2011).

Como expressa Marlene de Fáver e Anamaria Marcon (2007), o segredo e o silêncio envolvem o corpo das mulheres, e o pudor constitui uma marca de sua feminilidade, encaminhando-as para executarem a sua função de reprodutoras. Os códigos e as condutas estabelecem um limite entre o que é permitido e o que é proibido, os ideais patriarcais e as estruturas que sustentam a família burguesa, definem tais modelos e reificam os papéis de gênero, limitando as mulheres e os seus sentimentos, a satisfação sexual não lhes convinha (Ribeiro, 2013). Sua iniciação sexual é moralmente aceita se for por amor e no âmbito sacramentado do casamento e, ainda assim, fora da esfera do prazer.

A sexualidade era um direito restrito somente aos homens, para as mulheres era encarada como um mistério pecaminoso, a inocência e a ignorância de muita era contrabalançada pela violência e brutalidade de outros tantos (PRIORE, 2011). O primeiro contato sexual reservado para a noite de núpcias,

estaria fadado a um grande fracasso, um momento desastroso, vergonhoso, inseguro para as mulheres, que conseqüentemente acabavam colocando em risco seu casamento pela frustração da lua de mel.

Essa viagem e noite tão segredada, era um rude momento de iniciação feminina por um marido que muitas vezes só conhecia a sexualidade venal, dos bordéis, para as famílias um momento constrangedor, por isso a realização da viagem, para poupá-los de tal evento; o quarto do casal era o local onde se guardavam os segredos e mistérios da sexualidade conjugal, a cama o lugar sublime onde se celebrava a reprodução, jamais o prazer feminino, tudo era proibido e a moral precisava ser mantida (PRIORE, 2005).

Para as moças que já haviam passado pela noite de núpcias, um rol do que precisava ser feito lhes aguardava. A sua “felicidade” estava destinada em aprender a ter relações sexuais regradas e contidas, e assim mantê-las, precisavam ser discretas e tranquilas para não aborrecem seus esposos e assim, conservar as fantasias dos prazeres do casamento, ser prudente era necessário, nunca questionar e exigir mais do que o marido dá, deviam contentar-se com o básico (PRIORE, 2011).

E, sobressaindo-se a este exercício da sexualidade, a maternidade. O casamento atrelado ao papel idealizado de esposa e mãe, continua a reificar esse lugar doméstico para as mulheres. A condição feminina, associada a vida privada, ao papel de dona de casa e atrelada ao espírito protetor, acaba por reafirmar os conceitos relacionados aos papéis que são atribuídos a elas, portanto, os discursos que são reproduzidos demonstram esse lugar destinado às mulheres, dos cuidados com a casa, com seus filhos e com o seu marido, além de assumirem o papel e a responsabilidade de educar os seus filhos para que se tornem cidadãos inteligentes, saudáveis, que sirvam a pátria e difundam seus ideais. A saúde e a alegria do lar, a felicidade do marido e dos filhos, dependem unicamente da sua realização como mãe, dona de casa e esposa, mulheres contidas, submissas aos seus maridos, mãe recatada, sem vontades, desejos, sem outros sonhos e que quando casadas os seus corpos estariam sob a tutela de seus maridos, excluindo todos os seus sentimentos.

Assim como o amor, a maternidade é exercida como uma vocação natural, uma condição “sagrada” (RODRIGUES, 2014), uma magnífica missão que jamais poderá ser interrompida. Uma aptidão reconhecida após o matrimônio, para elas não haveria outra realização senão a realização de ser mãe, e se doar desmedidamente pelos seus filhos. Alzira de Cássia Rodrigues (2014, p. 51), elucida que: “era sobre os filhos que se nutria o desejo de eternidade. Sem filhos não há perpetuação da linhagem nem tradição familiar. Pior! O Estado não teria os tão almejados filhos da pátria”.

A projeção elaborada em torno dessa mulher está envolta pelo seu destino biológico, nascem predestinadas a amar, a se doar e a suportar toda subjeção pelo amor, devaneiam-se com o amor e a sua felicidade agora está predisposta ao outro. O feminino que foi criado e educado para amar, que se dedica ao lar e a maternidade como santuário do seu amor, a quem deve zelar, cuidar e dedicar todo o seu tempo a esse culto, onde está restringida toda à sua vida e o seu tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os padrões normativos estabelecidos pelo projeto modernizador da recém República, influenciados pelo Movimento Higienista, propagados e regulados pela imprensa, possibilitou a construção de novos espaços de reflexão e de novos sentidos de análise para a compreensão subjetiva dos sentimentos, em particular o amor, atravessados pelos códigos sociais que definiam os lugares de gênero.

O amor romântico, ainda que demonstre crise no início do século XX, se expressa na Revista da Semana, em especial na seção 'Cartas de Mulher', com sentidos que atualizam a moral cristã ligada ao casamento e a família, que ressoa firmemente na formatação de um molde perfeito e idealizado, que produz e ativa dispositivos de controle da sexualidade e da subjetividade das mulheres. Esses dispositivos de controle que agem sobre os corpos das mulheres, atuam diretamente em suas vivências e nas experiências adquiridas ao longo do tempo, como marca cultural de uma civilização, pois como explica Laqueur (2001, p. 225) "os corpos das mulheres trazem marcas desse processo civilizatório. A fisiologia de seus corpos adapta-se às demandas da cultura".

O recorte histórico e temporal da pesquisa, partiu de pontos paradigmáticos e imprescindíveis, para a análise e compreensão dos discursos da coluna "Cartas de Mulher", investindo-se através da construção efetiva de uma reflexão acerca da problematização do amor romântico e de como este sentimento hierarquiza socialmente e culturalmente os gêneros. Um outrossim, equivale as percepções obtidas, ao decorrer da pesquisa, acerca da permanência de estigmas associados ao gênero feminino quando estes são reiterados e condicionados pela prática amorosa. Historicamente, essas problemáticas corroboram ainda para que os discursos do passado continuem sendo atualizados, investidos por um poder de controle que rege e organiza os padrões enquadrados no âmbito da normalidade, instituída pela sociedade.

Fazer o exercício de identificação dessas cristalizações camufladas por uma "literatura de aconselhamento" que institui e torna habitual determinados comportamentos de gênero, é um desprender-se, de preceitos e pré-conceitos que são elaborados através de nossas práticas e de lugares de vivências cômodas, que naturalizam hábitos, princípios e que são capazes de reproduzir rapidamente o que lhes é apresentado como adequado.

Em síntese, é uma prática contínua questionar e problematizar esses espaços, tão intrínsecos no cotidiano, que acabam por passar despercebidos; tão naturalizados, que não são enxergados como ameaçadores. Espaços, inegavelmente ocultados pelas instituições, pelas mídias e pela própria sociedade, que se reconfigura através dos anos, atualizando os seus discursos e percepções, para que se enquadrem dentro de uma nova realidade, que irá sendo reconfigurada conforme os sujeitos e suas individualidades.

REFERÊNCIAS

CEREZER, Larissa. **No recato da intimidade** Reflexões sobre a mulher e a família burguesa no brotar do século XX. PerCursos, Florianópolis, v.9, n.1, p. 31-39, jan./jun. 2008.

CZRNORSKI, Sediana Rizzo. **A Revista da Semana e a Seção do Jornal das Famílias**. 2014. Fonte: Acervo AHR. Disponível em: <https://www.upf.br/ahr/memorias-do-ahr/2014/revista-da-semana>. Acesso em: 16 maio 2023. (Homepage)

CASADEI, Eliza Bachega. **Questão de consumo e a feminização da Revista da Semana**. Revista Z CULTURAL, Rio de Janeiro, v.2, p. 1-7, 2017. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/questoes-de-consumo-e-a-feminizacao-da-revista-da-semana/>. Acesso em: 16 maio 2023.

DANTAS, Carolina Vianna. **Revista da Semana**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/REVISTA%20DA%20SEMANA.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

FREITAS, Patrícia de. **A mulher é seu útero**: A criação da moderna medicina feminina no Brasil. Antíteses. Vol.1, núm.1. enero-junio, 2008, pp.174-187.

FÁVER, Marlene de; MARCON, Anamaria. **Corpos construídos nas práticas de segregar** – Prescrições que constituem os corpos na experiência da menstruação. Revista Ártemis. Vol.7, dez. 2007, pp.56-68.

GAMA, Mariah Sá Barreto et al (org.). **Dispositivo amoroso e tecnologias de gênero**: uma investigação sobre a música sertaneja brasileira e seus possíveis impactos na pedagogia afetiva do amar em mulheres. In: SILVA, Edlene Oliveira et al (org.). Gênero, subjetivação e perspectivas femininas. Brasília: Technopolitik, 2019. Cap. 6. p. 164-183

LAQUER, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud / Thomas Laquer; tradução Vera Whately. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-posições, v.19, n.2 (56) – maio/ago. 2008.

NEVES, M. de S.: **Os cenários da república**. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930. 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, v. 4. P. 14 a 44.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. **As mulheres e os discursos genderezados sobre o amor**: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? Estudos Feministas, Florianópolis, 15 (3): 609-627. Setembro-dezembro/2007.

PRIORE, Mary del (org.). **Primeiras rachaduras no muro da repressão**. In: PRIORE, Mary del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. Cap. 3. p. 92-123.

PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

PASTELLETTO, Nielly da Silva. **EMANCIPAR-SE É CONHECER-SE, EMANCIPAR-SE É REALIZAR-SE**: a emancipação feminina na revista da semana (1927-1934). 2021. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Escola de Humanidades, Pucrs, Porto Alegre, 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. São Paulo, v.24, n.1, p. 77-98, 2005.

REVISTA DA SEMANA. 1914-1919. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em: 15 março 2023.

RODRIGUES, Alzira de Cássia da Silva. **Percursos do amor e do feminino na revista Era Nova**: paraíba dos anos 1920. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Cap. 3

RIBEIRO, Thainá Soares et al. **O amor romântico e o lugar da mulher**: um reforço à família burguesa. In: X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2013, Bahia. Core. Bahia: Uesb, 2013. p. 2571-2579

SILVA, Edlene Oliveira et al (org.). **Gênero, subjetivação e perspectivas femininas**. Brasília: Technopolitik, 2019. 360 p..

SAVELLI, Ivette Maria. **As cartas de Iracema**. Manuscrita (São Paulo), v. 11, p. 267-269, 2003

SIMONNET, Dominique et al. **A mais bela História do amor**: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século xxi. Rio de Janeiro: Difel, 2003. Tradução Rejane Janowitz.

SWAIN, Tania Navarro. **Entre a vida e a morte, o sexo**. Revista Labrys Estudos Feministas, v. 10, 2006.

SILVA, Gisele Taboada da; NERY, João Elias. **A literatura na Revista da Semana**. Revista Thésis, São Paulo, ano IV, v.7, p. 30-43, 2007. Semestral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e estendo minha admiração e estima as seguintes pessoas:

À Deus, autor e princípio da minha existência. Obrigada por todas as bênçãos concedidas, pela sua presença que enche a minha vida de graças e por nunca ter me deixado fraquejar e desistir do que eu sempre sonhei.

À minha mãe Giselle, obrigada por tornar dos meus sonhos, os seus sonhos; obrigada também, por ser a torcedora fiel das minhas conquistas e se orgulhar tanto delas.

Ao meu pai, Serginaldo, obrigada pelas vibrações e incentivo em alçar sempre voos altos.

Aos meus avós, Josefa e Gidalto, meus tesouros preciosos e raros, a quem devo toda a minha gratidão. Obrigada pela educação, pelo amor diário, pelo cuidado e dedicação, por serem verdadeiros exemplos de dignidade e esforço; obrigada também por todos os não, foram essenciais para a pessoa que eu me tornei.

Ao meu irmão Gidalto Neto, obrigada por ser meu fiel e verdadeiro companheiro.

Aos meus tios e padrinhos Givanildo e Selma, obrigada por se fazerem presente em cada etapa da minha vida, por serem apoio, amor e torcida.

Ao meu namorado João Gabriel, obrigada pelo suporte, pelo incentivo, pelos elogios e por ter sido minha calma nos dias turbulentos.

Aos amigos que construí na minha trajetória acadêmica, obrigada pela amizade, parceria e auxílio, foi um verdadeiro presente tê-los por perto.

À minha orientadora Alômia Abrantes da Silva, obrigada por ter me feito vislumbrar horizontes para além do que eu conseguia enxergar, você foi extremamente essencial durante essa trajetória. Você foi constância e acolhida!

À minha banca examinadora, agradeço por terem aceitado o convite e pelas contribuições significativas ao meu trabalho.